

Hiroshima não didática

Seria pouco provável que uma pessoa desconhecesse a fatalidade ocorrida no Japão em 6 de agosto de 1945, principalmente se ela tiver graduado, pelo menos, o ensino básico. Isso porque, a bomba atômica que atingiu a cidade de Hiroshima marcou o encerramento da Segunda Guerra Mundial. Os japoneses, aliados à Itália e à Alemanha, lutavam contra os ingleses, franceses, norte-americanos e a antiga União Soviética. Com a destruição do continente europeu e a rendição de seus dois cúmplices de guerra, o Japão foi atacado pelos Estados Unidos com duas bombas atômicas para forçar o final do conflito, causando destruição em massa.

John Hersey – jornalista, autor da reportagem *Hiroshima* – conta em seu longo relato, entretanto, a guerra não teórica: sem citar estratégias, discursos das lideranças, relevar conquistas ou derrotas das grandes nações envolvidas (pontos usualmente estudados) ele opta por valorizar o quesito humano. Para tanto, Hersey segue um modelo jornalístico de escrita conhecido como Novo Jornalismo, que seria a apropriação de elementos literários para escrita de textos não-ficcionais, ou seja, o autor tem liberdade de se expressar livremente, havendo a possibilidade de fazer uma leitura literalizada dos fatos, com adjetivos e opiniões nas reportagens.

Por formação, Hersey era jornalista e foi correspondente internacional das revistas *Time* e *Life*, tendo estudado nas universidades de Cambridge e Yale. Ele foi um escritor premiado por receber o Pulitzer em 1945. Nascido na China em 1914, aos 32 anos ele publicou a reportagem *Hiroshima*, que ocupou uma edição inteira da revista *The New Yorker* e foi considerada uma das mais importantes reportagens do século XX. John Hersey faleceu em 1993, na Flórida, mas seu grande sucesso seguiu impactando milhares de pessoas. No Brasil, a última edição a ser lançada foi em 2002 pela Companhia das Letras, seguindo à risca os cinco capítulos que compõem o livro.

Hiroshima narra aos leitores o desespero vivido na cidade, focando em seis personagens principais, desde o princípio do dia do impacto até as consequências, tanto físicas como psicológicas, a todauma sociedade. Ao vislumbrar as seis divisões da coletânea, Hersey engloba seus seis protagonistas de forma leve e natural, formando um trajeto cronológico preciso e estruturado. A nomeação de cada um dos cinco trechos é justificada após a leitura das respectivas partes, incluindo-se no complexo processo descritivo elaborado pelo autor.

Dois dos seis personagens retratados eram médicos, Doutor Masakazu Fujii e Doutor Terufumi Sasaki, e participam de complicadas situações dentro dos hospitais. O Doutor Fujii tinha um hospital que tratava de pessoas seguindo a tradição japonesa, com poucos leitos e grande espaço para as famílias participarem da recuperação dos pacientes. Pelo terraço

ele assiste, de modo eletrizante, como descrito no primeiro capítulo, *Um clarão silencioso*, a bomba colidindo com o solo. Já o Doutor Masakazu, que era mais jovem e cirurgião, trabalhava no hospital Santa Cruz e, após o impacto, se viu como poucos no local sem machucados.

A maneira como o autor busca visões de pessoas situadas em lugares tão diferentes traz uma aflição ao leitor, pois a cena é repetida diversas vezes de modos divergentes. No entanto, a riqueza no detalhamento das lesões do Doutor Fujii, por exemplo, insere na trama o leitor, que sofre junto ao personagem. A escuridão ocasionada pelo impacto é retratada rapidamente, embora também consiga causar um desconforto visual.

“Sob o que parecia uma nuvem de poeira o dia escurecia mais e mais” – Hersey, p.12

O fogo, nome do segundo capítulo, não poderia trazer uma imagem mais fotográfica da catástrofe enfrentada pelo povo japonês. Diante dos destroços, o padre Wilhelm Kleinsorge, outro personagem central, fica gravemente machucado – assim como todos os outros religiosos e crentes que estavam juntos naquele momento – e procura levar os feridos ao hospital. Novamente, a condução da narrativa é direcionada ao lado humano, sem trazer pontuações ligadas à guerra, mas sim ao sofrimento da cidade atingida. Esse quesito é tão fundamental como extraordinário no texto, pois não são comuns obras que tenham esse foco. Essas obras são extremamente necessárias por serem testemunhas de um dos maiores crimes de guerra já cometidos, e são objetos que, quando ensinados e passados para as futuras gerações, impedem que tal fato volte a ocorrer.

No Brasil, Vinicius de Moraes, por meio da literatura, faz uma leitura da situação japonesa que pode ser comparada o relato de John Hersey; *Rosa de Hiroshima*, em suas estrofes, mostra solidariedade com a população e o valor de humanidade. Ao citar as crianças e mulheres, o poeta remete os leitores à compaixão devido às consequências de uma bomba atômica. A cidade, que antes era bela e cálida – comparada a uma rosa –, torna-se estúpida e inválida, segundo o autor, e doente devido à radioatividade. Por isso, perdem-se o perfume, a alegria, a vida. A morte de uma sociedade inteira vitimada a partir de uma guerra europeia, que se torna mundial. Vinicius de Moraes tenta provar o valor de cada vida perdida.

“Ao desviar do fogo, o reverendo fora ter à Praça de Armas do Leste, que, sendo uma ‘área segura’, era agora o cenário de uma tétrica inspeção: fileiras e fileiras de queimados e feridos” – Hersey, p.37

Pouco antes da metade do século XX, as tecnologias eram pouco desenvolvidas – comparando com o momento atual – e por isso a identificação da área atingida e número de mortos e feridos foi gradual, como é descrito durante o desenvolvimento da narrativa.

Navios e barcos de apoio atracavam à margem do rio Kyo, mas não eram suficientes para suprir as necessidades de todos os cidadãos.

“Numa cidade de 245 mil habitantes, cerca de 100 mil haviam morrido ou iriam morrer em breve; outros 100 mil estavam feridos. Pelo menos 10 mil feridos se arrastaram até o melhor hospital de Hiroshima (...). Algumas das vítimas não puderam desfrutar o discutível luxo da hospitalização.” – Hersey, p. 32

Investigam-se os detalhes nomeia a terceira parte, e é nela que são retratadas as cenas de maior tensão e dificuldades. Com diversas pessoas gravemente feridas – a descrição dos machucados é intensa, pois traz detalhes da condição das queimaduras, dos ferimentos causados por pedregulhos que foram arremessados, e a indisposição gerada pela radiação –, o reverendo Kiyoshi Tanimoto, quarto dos seis personagens principais, faz um desabafo ao médico. Em uma situação complicada e cruel, não haviam médicos disponíveis para cuidar de todos; as áreas seguras estavam – obviamente – superlotadas e as pessoas à deriva. O médico age de modo pragmático e didático dizendo salvar quem tem mais chance de viver. O reverendo não concorda.

O livro busca aproximar a questão ética na luta pela vida de acordo com o posicionamento dos personagens em cada umas das desafiadoras realidades e põe em xeque, corretamente, a nivelção e segregação das pessoas que devem ser atendidas às que não terão mais chance de viver.

Ironicamente, *Flores sobre ruínas* relata fortemente as consequências no espaço físico na cidade e o estado de recuperação dos sobreviventes. Sob Hiroshima pareciam ter despejado várias sementes de belas flores, que floresceram com o baixar da poeira enfeitando o ambiente. Já os sobreviventes descobriram os efeitos da radioatividade em humanos; em curto prazo, duramente, as pessoas teriam que passar por mal-estar, dores de cabeça e no estômago. A senhora Toshiko Sasaki foi um exemplo das poucas vítimas que eram graves mas felizmente conseguiu atendimento em um hospital e teve um tratamento longo e sofrido – a radiação complica a coagulação do sangue em ferimentos internos e externos - e se recuperou.

A longo prazo, seria definitivamente pior: desenvolvimento de doenças crônicas, como câncer e infertilidade. Estava se formando, diante de todos, um dos maiores crimes, cometidos por uma sociedade contra outra.; John Hersey se esforça para demonstrar que quem sofre são os inocentes civis.

Para finalizar sua obra, o repórter volta ao Japão e termina seu relato contando a sequência da vida de cada personagem. A última parte não poderia ser mais feliz, pois realça o fato de que o Japão se recompôs, com dificuldades e muito trabalho, mas o fez. Foi este o caso da viúva senhora Hatsuyo Nakamura, que sobreviveu ao ataque com seus

três filhos. O final está abraçado com a noção de esperança, uma vez que é mostrado que a vida continuou – mesmo que de maneira dura – e se reconstruiu e seguiu.

É tocante a descrição desde o início até a última página da obra. O enfoque é o mais humano possível, e não didático. Mas deveria ser. Pois apresentar os horrores de uma guerra a todos corroborará para que eles nunca voltem a ocorrer.

Escrito por Nina Galiotte

Estudante de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero que adora conhecer a história da Segunda Guerra Mundial por acreditar que o mundo pode ser melhor do que foi. Já dizia Heródoto, na antiguidade: “Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”.